

EDUCAÇÃO, ESFERA PÚBLICA E PRIVADA: UM ESTUDO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

BEZERRA, Paula de Souza¹

RESUMO

Hannah Arendt focou seus estudos na ciência política, porém traz em seus ensaios dois únicos textos que tratam da educação (*Reflexões sobre Little Rock* e *A crise na educação*), mas que, no entanto, possuem grande relevância entre as suas obras. Estes ensaios, principalmente o segundo, tem despertado enorme interesse dos filósofos da educação por trazer discussões pertinentes para a educação atual. Assim, partindo de seus estudos sobre a educação e sua visão sobre as esferas pública e privada, buscaremos com o trabalho proposto refletir sobre a seguinte questão: pensando a educação com relação às esferas, de que maneira o público e o privado influenciam a educação? Assim, o objetivo principal desse estudo é promover uma reflexão sobre educação e esferas pública e privada. Além disso, apresentamos conceitos de público e privado e a distinção de educação e política na perspectiva dessas duas esferas. Deste modo, para a discussão proposta, nossos principais referenciais serão os textos de Hannah Arendt *A crise na educação* da obra *Entre o Passado e o Futuro* e a clássica obra *A Condição Humana*, texto que irá tratar minuciosamente sobre a esfera privada e a esfera pública. Além dos clássicos de Arendt, usaremos os seguintes autores para contribuir no estudo proposto: José Sérgio Carvalho (2013), Vanessa Sievers de Almeida (2011), Manuela Chaves Simões Ferreira (2007). Por meio do estudo das obras referenciadas, a partir da visão arendtiana, iniciaremos a discussão para tentarmos refletir sobre a influência que essas duas esferas (pública e privada) possuem na educação atual.

Palavras-chave: Hannah Arendt, Educação, Público e Privado.

1 INTRODUÇÃO

Em Hannover no ano de 1906 nasce Hannah Arendt, a princípio morou na Alemanha até a Segunda Guerra Mundial. Porém, como era judia fugiu para a França e logo depois para os Estados Unidos quando da ascensão do nazismo na Alemanha. Em sua carreira acadêmica teve grandes professores como Martin Heidegger, autor de *Ser e Tempo*, e Karl Jaspers, famoso por sua *Introdução à Filosofia*. Em sua formação Hannah Arendt focou seus estudos na filosofia, mais especificamente na ciência política. Entre suas principais obras estão: *As Origens do Totalitarismo*, de 1951, *Entre o Passado e o Futuro*, de 1954 e *A Condição Humana*

¹ Especialista em Políticas Públicas para a Educação – Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia- Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Discente do Programa de Mestrado em Educação- Universidade Estadual de Londrina (UEL).

1968, entre outros. Hannah Arendt recusava-se a ser nomeada como filósofa ou educadora e, neste sentido, sempre se intitulava como pensadora política.

Já na obra intitulada *Responsabilidade e Julgamento*, a autora descreve suas primeiras reflexões sobre a educação, apresentadas no texto polêmico *Reflexões sobre Little Rock*, uma vez que demonstrou sua preocupação com a educação dos novos no momento em que os Estados Unidos passavam por um processo de dessegregação racial. Tempos depois Arendt, apresenta o texto *A Crise na Educação*, ensaio presente na obra *Entre o Passado e o Futuro*. Hannah Arendt faleceu em 1975, deixando sua obra *A vida e o espírito* inacabada.

Ressaltamos que o interesse nos estudos desenvolvidos por Hannah Arendt não é algo novo, uma vez que, iniciou-se na graduação. Porém, foi na especialização que as questões referentes à educação, esfera pública e privada obtiveram relevância, pois, nas leituras realizadas sobre os referentes temas, permanecia uma constante inquietação sobre como o público e o privado se ligava a educação. Nesse sentido, propúnhamos a realização dessa pesquisa, que também proporcionará, uma exploração profunda acerca da concepção de educação, esfera pública e esfera privada para que desta forma, possamos refletir sobre a maneira que as esferas (pública e privada) influenciam a educação.

Assim, retornaremos aos estudos da pensadora da filosofia política Hannah Arendt que traz, a partir de seus dois únicos textos que tratam sobre educação, “*A crise na Educação*” e “*Reflexões sobre Little Rock*”, as explicações pertinentes para entendermos a questão proposta. Estes textos, evidentemente, abrem os caminhos e necessitam das intermediações de outros elementos que aparecem em outros de seus ensaios e que servirão para um melhor aprofundamento da questão levantada, a saber, a compreensão sobre esfera pública e da privada e sua influência na educação.

Desta forma, utilizaremos os estudos arendtianos para construção deste trabalho, que possui como seu objetivo principal promover uma reflexão sobre a educação a partir dos conceitos de público de privado. Além de compreender o real significado dessas duas esferas e apresentar a concepção de educação para refletirmos sobre a inquietação encontrada. Desta forma, para esse estudo recorreremos a algumas obras da autora como a *Condição Humana e Entre o Passado e o Futuro*, além de alguns outros ensaios para embasar e fundamentar a

discussão proposta.

2 JUSTIFICATIVA

Hannah Arendt ao realizar os estudos sobre educação, esfera pública e privada, foca seus ensaios visando a realidade em que estava inserida. No entanto, podemos observar por meio das leituras de suas obras, que tais discussões se tornam tanto quanto atuais. Assim, a pesquisa proposta tendo por objetivo discutir essas questões, poderá ser um instrumento de suporte para compreensão desses conceitos. Ao pensar a educação e a sua relação com o público e o privado, o trabalho proposto poderá abrir novas possibilidades para discussões e reflexões na educação.

3 PROBLEMA

Partindo da concepção de esfera pública e privada e das discussões sobre educação apresentada por Hannah Arendt chegamos a seguinte inquietação: De que maneira, as esferas do público e do privado influenciam na educação?

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

- Promover reflexão entre educação, esfera pública e esfera privada por meio dos estudos de Hannah Arendt .

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a concepção de educação apresentada por Hannah Arendt em suas obras;
- Aprofundar os conceitos de esfera pública e privada a partir da visão arendtiana.

5 REVISÃO CONCISA DE LITERATURA

5.1 PÚBLICO E PRIVADO EM HANNAH ARENDT

Nas reflexões sobre o público e o privado, realizadas por Hannah Arendt em *A Condição Humana* (2007), a autora comenta que os conceitos de público e privado se constituem na antiguidade. Nesse sentido, a autora enfatiza que a organização política da Grécia era distinta da organização existente no âmbito da família, e que com o nascimento da cidade-estado os homens passaram a ter algo a mais do que a vida privada:

Segundo o pensamento grego, a capacidade humana de organização política não apenas difere mas é diretamente oposto a essa associação do natural cujo centro é constituído pela casa (*oikia*) e pela família. O surgimento da cidade-estado significava que o homem recebera “além de sua vida privada, uma espécie de segunda vida o seu *bios politikos*. Agora cada cidadão pertence a duas ordens de existência; e há uma grande diferença em sua vida entre aquilo que lhe é próprio (*idion*) e o que é comum (*koinon*)” (ARENDDT, 2007, p. 33).

A partir desse momento, o cidadão que até então tinha somente o espaço da sua casa e família, passa a constituir uma vida política. Assim, aquilo que era do espaço comum (*koinon*), representava o local em que os homens saíam do ambiente familiar para então, participar dos assuntos correspondentes à *polis*. Esse é o espaço público no qual os homens se encontravam na coletividade e ouviam e se faziam ouvir por todos. Dessa forma, a esfera pública surge a partir do mundo comum que, segundo Arendt (2007), é aquele do qual fazemos parte quando nascemos e que deixamos com nossa morte. É nesse mundo comum, por meio da ação dos homens que a esfera pública se constitui:

[...] o termo “público” significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. –Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens em condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos habitam o mundo feito pelo homem. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens. (ARENDDT, 2007, p. 62)

Nesse sentido, exercer a vida pública significa buscar aquilo que é comum aos homens. No entanto, para participarmos dessa esfera, precisamos ser livres, e a liberdade é algo que só pode ser alcançada no espaço público, por meio da ação. É,

portanto, por meio da ação que os homens se libertam e, a liberdade, segundo Arendt, “[...] sempre foi conhecida, não como um problema, é claro, mas como um fato da vida cotidiana, é o âmbito da política.” (ARENDR, 2011, p. 191). A autora enfatiza assim que a política é o espaço público da realização da liberdade.

Ora, se o que é comum (*koinon*), trata-se do exercício da vida pública, então aquilo que é próprio para o cidadão (*idion*) nos remete à esfera privada. A esfera privada ou privatividade como menciona a autora, compreende as necessidades para nossa sobrevivência. Este é o campo da casa e da família. Assim, se a esfera pública busca o interesse da coletividade, o privado protege o interesse do individual e procura manter o essencial para suprir nossas necessidades biológicas. Em outras palavras, aquilo que acontece no âmbito privado não tem importância para os outros. Por esse motivo a autora menciona essa esfera como o lugar do ocultamento. A esfera privada, também é o local onde o chefe da casa possuía poder absoluto perante os outros familiares, ou seja, não havia decisões conjuntas, sendo portanto também o espaço da violência e da coerção.

Segundo a autora, se por um lado o espaço público se mostra por meio da ação, o campo privado seria mantido pelo *labor*, pois sua finalidade está na manutenção da vida. Nesse contexto, o *labor* era o meio pelo qual se produziam os bens necessários à sobrevivência. Para esclarecer esse pensamento de Arendt, Carvalho (2013, p. 77) descreve que “Esse plano da existência – o dos esforços pela manutenção da vida, característicos da esfera privada – é mantido pelo *labor*, ou seja pelo conjunto de atividades cujo produto é consumido no próprio ciclo vital.”

A autora defende que o campo privado não é o lugar do público, e que na privatividade o homem se mantém no ocultamento, em que não ouve e nem é ouvido pelos outros. Mas, apesar do espaço público proporcionar liberdade e levar o homem a participação na vida política, isso nada significaria se o indivíduo não possuísse sua vida privada. Segundo Arendt (2007), para o homem de nada adiantava ser político e participar da esfera pública se não tivesse seu lugar privado, pois, sem o espaço da privatividade o homem deixaria de ser humano.

Entendemos até o momento que a esfera pública é o local do mundo comum, espaço da política e da liberdade e, já a esfera privada constitui o local da família, dos interesses particulares e da preservação das necessidades biológicas. No entanto, apesar dessa diferença entre as esferas, Hannah Arendt leva suas

reflexões mais além, pois no seu entendimento, os homens só se faziam livres e aptos a participação da vida política se pudessem se afastar de seus lares e de suas necessidades. No decorrer de suas reflexões, Hannah Arendt procura sempre destacar a distinção existente entre as esferas. Nesse contexto, Ferreira (2007) argumenta que, para Arendt:

[...] os gregos estabeleceram a oposição complementar entre público e privado: só quem tinha propriedade privada pode participar da vida pública e isto se explica porque o público é o reino da liberdade, onde os homens não estão presos à satisfação de suas necessidades vitais. Tais necessidades são supridas no âmbito privado, que permitem ao proprietário que saia do lar para agir em público, deixando os escravos e as mulheres laborando em casa. Na política é onde o indivíduo se mostra, onde ele mostra quem ele realmente é diante de seus pares. Este é o espaço da singularidade da ação, que por definição é imprevisível, única e original.” (FERREIRA, 2007, p.17)

Em suma, podemos observar a distinção entre as duas esferas, mas a partir dos apontamentos arendteanos é possível entender que apesar da diferença entre ambos os campos (público/privado), esses também se complementam, pois, não existe espaço público sem o espaço do ocultamento, ou seja, não é possível participar da vida política sem se libertar dos acontecimentos referentes a privacidade, e não é possível agir no espaço público caso não consiga manter o que é preciso para sobrevivência humana. De fato, um espaço complementa o outro.

5.2 A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO NA VISÃO ARENDTIANA

Apesar de centralizar seus estudos na ciência política, Hannah Arendt em sua obra *Entre o passado e o futuro*, redige um de seus dois únicos textos específicos sobre a educação. Assim, apresenta no ensaio intitulado *A crise na educação*, uma provocação interessante para a discussão proposta, demonstrando a crise que enfrentamos na modernidade e o reflexo desta na educação. Neste texto de grande impacto entre os educadores, Arendt discorre sobre a educação relacionando-a com a crise que acometia os Estados Unidos na década de 50. Para Arendt (2011, p. 222) a crise na educação que acometeu o país nesse momento referia-se a questões muito mais complexas do que a “[...] enigmática questão de saber por que Joãozinho não sabe ler”. Ela afirmava que os

problemas referentes à educação eram parte de algo maior, ou seja, faziam parte da crise que a modernidade estava passando.

A autora menciona que a crise na modernidade não afetava apenas a América, mas sim todo o mundo e que, então, a crise da educação não é algo restrito a um único lugar. Sendo assim, cabe a nós e aos educadores refletirmos sobre a educação, pois para ela a “[...] essência da educação é a natalidade, o fato de que seres *nascem* para o mundo” (ARENDRT, 2011, p. 223 grifo da autora). Isso significa que para Hannah Arendt, a educação é o meio pelo qual se irá apresentar o mundo para os recém chegados, ou seja, se apresentará para os novos um mundo já existente e que permanecerá mesmo depois da chegada deles. Essa, sem dúvida, é a tarefa mais importante da educação.

Assim, a educação é “[...] o ato de acolher os jovens no mundo, tornando-os aptos a dominar, apreciar e transformar as tradições culturais que formam a herança simbólica comum e pública.” (CARVALHO, 2013, p. 83). Na visão da autora esse é o papel da educação: o de introduzir os novos no mundo. Nesse sentido, para Arendt (2011, p.235) a criança recém chegada a esse mundo

[...] partilha o estado de vir a ser com todas as coisas vivas; com respeito à vida e seu desenvolvimento, a criança é um ser humano em processo de formação, do mesmo modo que um gatinho é um gato em processo de formação. Mas a criança só é nova em relação ao mundo que existia antes dela, que continuará após sua morte e no qual transcorrerá sua vida. Se a criança não fosse um recém-chegado nesse mundo humano, porém simplesmente uma criatura viva ainda não concluída, a educação seria apenas uma função da vida e não teria que consistir em nada além da preocupação para com a preservação da vida e do treinamento e na prática do viver que todos os animais assumem em relação a seus filhos.

Nesse contexto, os pais possuem grande responsabilidade perante a educação dessas crianças, pois os novos por não conhecerem esse mundo, precisam ser inseridos nele e ao mesmo tempo protegidos. Assim, o melhor lugar para a proteção dessa criança é a família. Para Arendt (2011) é na proteção do ambiente familiar - no ocultamento do ambiente privado - que as crianças podem crescer. Essa é uma questão intrigante da crise que afeta a modernidade, pois os novos estão desprotegidos no mundo público e, assim, a educação moderna tenta criar um mundo para a criança, o que acaba pressupondo a existência de um “espaço público” para ela. Isto não é possível, pois o espaço público é o espaço

político, dos adultos e, as crianças, como toda vida inicial, precisam da proteção. Por isso, por “expulsarmos” a criança do local onde ela deveria estar sendo protegida acabamos por destruir as condições para o seu desenvolvimento (ARENDDT, 2011). Assim, a criação de um “espaço público” da criança ou o chamado “mundo da criança”, prejudica seu desenvolvimento por enxergá-la como um adulto em miniatura.

O papel da educação é mostrar esse mundo comum para a criança, protegendo-a dos assuntos da vida pública, não expondo-a, pois está em pleno desenvolvimento. Portanto, é função do professor garantir a inserção desses novos nesse mundo ainda desconhecido. Por esse motivo, Arendt (2011) menciona que é na escola que a criança terá seu primeiro contato com o mundo. Porém, a escola não é o mundo público plenamente, mas um local de proteção assim como o lar. Nesse sentido, na escola o educador tem a responsabilidade de mostrar para o novo a responsabilidade que ele terá perante o mundo comum. Para Arendt (2011, p. 239), o educador possui o seguinte papel:

[...] o educador está aqui em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade, embora não o tenha feito e ainda que secreta ou abertamente possa querer que ele fosse diferente do que é. Essa responsabilidade não é imposta arbitrariamente aos educadores; ela está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos em um mundo em contínua mudança. Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação.

Partindo desse argumento, a autora procura mostrar que o professor como adulto e já introduzido e responsável por esse mundo, possui então o papel de transmitir essa responsabilidade perante o mundo comum para os recém-chegados. Contudo, o professor ou adulto que não possui essa responsabilidade com o mundo não deveria de forma alguma educar as crianças. A responsabilidade perante o mundo comum para Arendt (2011) possui a forma de autoridade. No entanto, a autoridade do professor aqui mencionada pela autora não tem relação com o conhecimento do educador. Pelo contrário, o conhecimento do professor é em relação ao mundo e a autoridade é a relação da responsabilidade assumida por ele perante esse mundo e reconhecida pelos novos.

A essa menção da autora sobre a responsabilidade e autoridade, parece-nos que na conjuntura educacional que vivenciamos na atualidade, essa

responsabilidade para com o mundo se perdeu, e a autoridade não ficou atrás, ou seja, também entrou em crise. É importante, neste sentido, apresentar uma distinção entre a concepção de autoridade e de autoritarismo. Frequentemente há uma confusão entre ambos. Entendemos como autoritarismo a desmedida em “mandos e desmandos”, de forma geralmente coercitiva. É algo que se impõe e não parte de um reconhecimento por outros. Nem tampouco é uma conquista, mas geralmente uma violência por parte do autoritário. Podemos observar no cotidiano e com frequência que a qualificação do professor é entendida como autoridade em certo sentido, mas muitas vezes se confunde na verdade, com autoritarismo. Para Arendt (2011, p. 239)

Embora certa qualificação seja indispensável para a autoridade, a qualificação, por maior que seja, nunca engendra por si só, autoridade. A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo.

Portanto, a autoridade não é uma questão de competência ou reconhecimento profissional apenas, mas de responsabilidade e compromisso com o mundo e com a educação dos novos neste mundo. Por isso, se os adultos abrirem mão da autoridade, isso pode ser entendido como se “[...] as exigências do mundo e seus reclamos de ordem estejam sendo consciente ou inconscientemente repudiados” (ARENDR, 2011, p. 240), ou seja, que há uma rejeição de toda e qualquer responsabilidade pelo mundo, seja a de dar ou de obedecer a ordens. Por isso, Arendt (2011, p. 240) é clara ao dizer que:

As crianças não podem derrubar a autoridade educacional, como se estivessem sob a opressão de uma maioria adulta – embora mesmo esse absurdo tratamento das crianças como uma minoria oprimida carente de libertação tenha sido efetivamente submetido a prova na prática educacional moderna. A autoridade foi recusada pelos adultos, e isso somente pode significar uma coisa: que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças.

Pensando no contexto arendteano, essas pessoas não deveriam introduzir os novos nesse mundo, uma vez que não possuem responsabilidade por ele e pelos novos. Vanessa Sievers Almeida (2011, p. 28), reflete sobre a educação e defende que nós “[...] não educamos as crianças apenas em função do processo

vital ou para satisfazer seus desejos, mas para que futuramente possam fruir e recriar o mundo.” Se os educadores não tiverem isso como sua função, as crianças apenas irão ser educadas para sua sobrevivência e assim não farão parte da vida pública e não renovarão e manterão esse mundo.

6 DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA

Adotaremos como procedimento metodológico a pesquisa em fontes bibliográficas, análises documentais e outras que se fizerem necessárias. Na proposta de uma discussão temática, no caso sobre Educação, Esfera Pública e Esfera Privada, recorreremos a História linear quando necessário para a devida contextualização ou para tratar de questões específicas para discussão proposta.

Desenvolveremos a pesquisa recorrendo à hermenêutica dos textos e autores referenciados, apresentando com base a perspectiva dialética para o desenvolvimento dos nossos estudos na perspectiva de fundamentação dos conceitos e das propostas que serão discutidas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. **Educação em Hannah Arendt: entre o deserto e o amor ao mundo.** São Paulo: Cortez, 2011.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** São Paulo: Editora Forense - Universitária. 10. ed. 2007.

_____. **Entre o passado e o futuro.** Trad: Mauro W. Barbosa de Almeida. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

CARVALHO, José Sérgio. **Reflexões sobre educação, formação e esfera pública.** Porto Alegre: Penso, 2013.

FERREIRA, Manuela Chaves Simões. **Hannah Arendt e a separação entre política e educação.** Dissertação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2007.